



## OS ESPAÇOS DE AFETO EM *REGRESSO A CASA*, DE JOSÉ LUIS PEIXOTO

Laylah Yaphah Cruz – laylahcoelho@gmail.com

Universidade Federal do Piauí, UFPI, Teresina, Piauí, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-6965-1141>

Douglas De Sousa – doug.rsousa@gmail.com

Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, Presidente Dutra, Maranhão, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-3109-8074>

**RESUMO:** Este trabalho objetiva investigar os espaços e quais suas relações com o eu poético na obra *Retorno a casa*, do poeta português contemporâneo José Luís Peixoto. O poeta José Luís Peixoto, nascido em Galveias, 1974, é um autor de grande destaque na literatura portuguesa contemporânea. Sua obra ficcional e poética consiste em dezenas de antologias, que são estudadas em diversas universidades nacionais e estrangeiras. Os principais temas que permeiam a poética de Peixoto são: relações familiares, ruralidade, bem como as relações entre a subjetividade humana e a história. Com um forte caráter autobiográfico e alegórico, o poeta representa muito de Portugal e seus espaços. O espaço é, antes de tudo, humano e não deve ser entendido como forma estrutural, nem como mero elemento onde se passa a narrativa, pois os sujeitos atribuem a ele as significações mais subjetivas encontradas no recôndito de seu ser e, desse modo, é impraticável se pensar em espaço sem relacioná-lo, de alguma maneira, com um sujeito. Assim, nesta análise as relações topofílicas do eu lírico que regressa não somente à sua terra natal e espaços de outrora, mas também a si mesmo, serão mapeadas. Para prover o aporte teórico necessário para realização das análises aqui propostas são utilizados, sobretudo, as ideias de: Antonio Candido (2006), Gaston Bachelard (1978), Oziris Borges Filho (2020), Yi-fu Tuan (1983).

**PALAVRAS-CHAVE:** *Retorno a casa*; José Luís Peixoto; Espaço; Topofilia.

### 1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

A poesia, além da fruição, permite aos seus leitores, estudiosos e críticos realizarem análises profundas das mais variadas naturezas. O espaço, sedimentador do mundo físico, também não atua de maneira diferente na literatura. Nas narrativas em geral, os sujeitos influenciam e são influenciados pelo espaço que os circundam, e nesse entrelaçamento do sujeito, espaço e sua subjetividade, o literário é tecido.

José Luís Peixoto, nascido em 1974, em Galveias, é um romancista, poeta e dramaturgo contemporâneo português, cuja primeira publicação – de sua obra *Morreste-me* – ocorreu em 2000. De maneira célere, o autor foi se inscrevendo no espaço da literatura portuguesa, recebendo – no ano de 2001 – o Prémio Literário José Saramago por seu romance *Nenhum Olhar*. Espaço, paisagem e memória são temas que, em geral, adquirem certa evidência nas obras do poeta português, como é o caso de *Retorno a casa*, livro de poemas – com traços autobiográficos – publicado em 2020 pela editora Dublinense.

Peixoto, em *Regresso a casa*, apresenta um eu lírico que revisita – por meio da linguagem – espaços e sensações que antes foram percebidos por ele, fosse no cotidiano, na infância ou em viagens realizadas. A obra assemelha-se a uma incursão entre os espaços, paisagens e perspectivas captadas pelo olhar sensível desse eu poético ao longo de uma jornada odisséica de volta aos seus espaços de afeto. O livro arquiteta-se em capítulos, respectivamente intitulados: *Odisseia, Quarentena, Diário, Galveias, Coreia do Norte, Oeiras, Tailândia, China, Tradutores e Bibliografia*. A cada capítulo, de modo a compor a página que o intitula e abre, um azulejo acompanha o título, reforçando a ideia do livro de poemas como uma casa – constituída por paredes repletas de versos ladrilhados em mosaicos.

Na obra *Regresso a casa*, José Luís Peixoto faz de Portugal sua Ítaca e, como Ulisses, regressa a casa – utilizando uma série de poemas para cartografar seu percurso pelos lugares que passou ao longo de sua vida. Além disso, os capítulos relacionam-se à tudo que possa ser sobre a jornada e a casa, seja uma jornada para o encontro de sua subjetividade em *Quarentena* e *Bibliografia*, ou sua viagem pelos países *Tailândia, China* e *Coreia do Norte* de maneira que todas confluem em uma única casa: o livro de poemas.

Visto que na formação literária portuguesa o tema da pátria é recorrente e fortemente atrelado a formação identitária do sujeito português, é interessante observar como essa temática está presente na literatura e na memória cultural desse país desde a sua mais tenra idade até o contemporâneo, pois como afirma Yi-Fu Tuan, "A pátria é um tipo importante de lugar em escala média" (Tuan, 1983, p. 165), e como o lugar é um espaço atrelado a significações topofílicas mais íntimas e subjetivas, segundo o pensamento do mesmo autor, isso está organicamente representado na literatura desse povo.

O espaço, desde a casa até a pátria, é matéria poética e fonte de construção do literário. Para o pesquisador Borges Filho:

O mar, a floresta, o céu, as estrelas, etc. são elementos denotadores de poesia. Uma paisagem urbana também pode cumprir esse papel. Um objeto também. Portanto, podemos concluir de forma bastante categórica que o espaço circundante cumpre uma função básica em relação ao fenômeno poético, isto é, o espaço é um gatilho (Borges Filho, 2020, p. 63).

Para o teórico, o espaço pode despertar a subjetividade do poeta e por isso suscita a criação literária. Assim, pode-se entender a importância do espaço em vários níveis no que se refere a construção literária. Nesse sentido, o presente estudo objetiva investigar os espaços e quais suas relações com o eu poético na obra *Regresso a casa*, do poeta português contemporâneo José Luís Peixoto.

Assim, utilizaremos o pensamento de Antonio Candido (2006) no que se refere à crítica literária sociológica; Gaston Bachelard (1978), Oziris Borges Filho (2020) e Yi-fu Tuan (1983) no que concerne aos estudos do espaço e a relação topofílica. Dessa maneira, investigaremos a poesia de José Luís Peixoto sobre os múltiplos olhares do espaço ficcional.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA: A LEITURA DAS PAREDES DO POEMA

O primeiro poema a ser analisado neste estudo é também o poema responsável por abrir a obra *Regresso a casa*, pois vem antes do primeiro capítulo e funciona como uma espécie de epílogo, visto que não possui título. Observemos:

[...]  
Escrevi: quando me cansei de mentir  
A mim próprio, comecei a escrever  
um livro de poesia. Hoje, voltei a  
aprender essa lição e, por isso,  
estou aqui, estamos aqui. Por isso,  
acendi a existência que nos rodeia  
e nos preenche, que está em toda  
a parte apenas porque estamos  
parados diante desta palavra:  
manhã.  
Repara na lonjura que se estende  
no interior da letra a, é claridade,  
saúda-a. Repara no til, tão tímido  
como certos sorrisos nossos.  
Um livro de poesia, outra vez.  
Uma pequena casa, habitada  
pelo nosso tempo, pelos gestos  
que fazemos dentro de nós,  
reflexos ou sombras invisíveis,  
memórias e toda esta claridade.  
Estamos vivos, repara. Um livro  
de poesia, como uma trégua secreta,  
uma janela com os teus olhos  
a verem-me em silêncio, ou os meus  
olhos a verem-te. Um livro de poesia,  
como um regresso a casa.  
(Peixoto, 2020, p. 5)

O eu lírico afirma nos versos: [...] *Escrevi: quando me cansei de mentir/ A mim próprio, comecei a escrever/ um livro de poesia. Hoje, voltei a/ aprender essa lição e, por isso,/ estou aqui, estamos aqui. Por isso,/ acendi a existência que nos rodeia/ e nos preenche, que está em toda/ a parte apenas porque estamos/ parados diante desta palavra:/ manhã.*; que cansado de mentir a si próprio, iniciou a escritura de seu livro de poesia. Desse modo, ao livro pode ser atribuído um caráter de caminho para a verdade, e essa é o reencontro do eu poético consigo próprio, com o seu originário escondido nos cantos mais recônditos do seu ser. É por meio da poesia que se dá o regresso, o encontro, e, logo, a verdadeira face do eu. Por isso, por meio dos versos e da poesia – como brasas e(m) chamas, o eu lírico acende sua existência e preenche-se não somente pela imagem, mas pela palavra que remete ao aqui e agora do poema: manhã. É interessante ressaltar que a

imagem de “manhã” remete à claridade, uma descoberta do novo por vir, significado diretamente atrelado ao que representa a escritura do livro para o eu lírico.

O filósofo Gaston Bachelard (1978), afirma que “a imagem existe, a palavra fala, a palavra do poeta lhe fala”, de modo que o artifício do eu lírico de fazer da palavra “manhã” uma paisagem, e da letra a como ponto de observação, a vogal nasal /ã/ representa a lonjura da paisagem de manhã que os olhos captam. As curvas do til, o eu lírico associa às curvas de sorrisos – tímido de alegria com um novo despertar.

Nos versos: *Um livro de poesia, outra vez./ Uma pequena casa, habitada/pelo nosso tempo, pelos gestos/que fazemos dentro de nós,/ reflexos ou sombras invisíveis,/ memórias e toda esta claridade*, tendo em mente a perspectiva bachelardiana (1978) de que a imagem da casa pode ser transformada na topografia de nosso ser mais íntimo, percebe-se que o eu lírico utiliza construções parecidas para assemelhar um livro de poesia à uma pequena casa habitada.

A casa, espaço de intimidade e proteção, abriga o corpo do indivíduo, que é também uma espécie de casa para a mente e alma; guardando e sendo compostos pelo tempo circundante, os gestos – ações mínimas do ser, bem como as sombras, que, segundo o psiquiatra suíço Carl Jung (2015), são como uma parte obscura de quem se é. As memórias constitutivas da identidade, também se encontram guardadas dentro da casa-corpo e ao mesmo tempo também a constroem.

Nos dois últimos versos: [...] *Um livro de poesia,/ como um regresso a casa*, o eu poético delimita o que representa a escrita de seu livro de poesia: por meio da palavra e dos versos – caminhos traçados para compor o corpo do poema – eis um caminho para sua chegada e encontro consigo.

O segundo poema intitula-se *Quarentena*, está presente no segundo capítulo do livro que é intitulado *Quarentena*. Observemos o poema:

Acredito que estou aqui, rodeado por realidade  
e temperatura, tenho na boca um sabor acre, talvez devesse beber um copo de água,  
não sei  
se me espante com esta verdade existencial,  
aparentemente simples e, logo a seguir, tão feita  
de milagre, esta realidade composta por imagens  
[...]  
sobre cada uma destas palavras, as sobranceiras pesam-me sobre os olhos, acredito  
que estou  
aqui e, por isso, confiando na lógica, acredito que este tempo existe, existência que  
imita o tom diário  
com que se anuncia o número de infectados e de  
mortos, 295 até agora, o silêncio da estrada vazia  
é um apito contínuo nos ouvidos, o ar mantém o seu talento transparente para separar  
as coisas.  
Acredito que estou aqui, rodeado por mobiliário, volumes de poesia completa nas  
estantes, um cão

velho a dormir profundamente, chá que se arrefeceu há muito tempo e se transformou apenas na calma  
flutuante do seu perfume, inspiro este momento com toda a força dos meus pulmões, aquilo que sinto  
é um mundo, estou no centro do seu interior, inspiro aquilo que sinto com toda a força dos meus pulmões, olho para longe, à distância de um mês, de um ano mas o meu olhar esbarra num muro opaco, os tijolos são perguntas, o cimento são perguntas, futuro?, as respostas avariaram-se como brinquedos antigos de corda, ou de pilhas, as respostas foram canceladas, voos cancelados para países que deixaram de existir. No entanto, chegará um tempo, rodeado por outras certezas, e recordarei este inverno que não queria acabar, a idade que meu filho tinha nesta altura, a idade que eu próprio tinha, e esta experiência que agora é novidade a cada segundo irá transformar-se num incrível convencimento. Verdadeiramente incrível é imaginar esse tempo agora, mas será assim por força, esse tempo existirá com a louca arrogância do futuro, e todo este abalo será inofensivo como uma lata de fruta que passou do prazo de validade, como uma velha que foi uma mulher muito bonita, como os olhos dessa velha ainda a brilharem no meio do seu rosto, soterrados por ele, como a inútil memória de janeiro no epicentro escaldante de uma tarde infinita de agosto. Então, apenas serei capaz de lembrar que este cão ainda estava vivo porque o refiro no poema, este cão concreto a ressonar num canto da sala e num canto do poema, as costelas a encherem-se e a esvaziarem-se de ar, este cão exausto a ladrar às vezes em sonhos agitados.  
[...]  
(Peixoto, 2020, p. 17)

No poema *Quarentena* que fornece as imagens poéticas transfiguradas nas imagens pictóricas presentes da capa do livro, o eu poético inicia sua lírica consciente de sua existência – contemplando a condição simultaneamente simples e extraordinária do existir – e ocupação do espaço-tempo que o circunda nos versos: *Acredito que estou aqui, rodeado por realidade/ e temperatura, tenho na boca um sabor acre, talvez devesse beber um copo de água, não sei/ se me espante com esta verdade existencial,/ aparentemente simples e, logo a seguir, tão feita/ de milagre, esta realidade composta por imagens [...]*

O crítico literário Antonio Candido em seu ensaio *Crítica e Sociologia* (2006), discorre sobre algumas questões basilares no que se refere a crítica literária sociológica. Dentre as problematizações feitas, Candido faz uma reflexão sobre como o externo, entendido como o meio social influencia, atua e move o interno de uma obra literária. Para o autor, os fatores sociais e psíquicos atuam como agentes da estrutura da obra e podem ser alinhados aos fatores literários estéticos.

A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel, do qual se pode dizer, como Fausto do Macrocosmos, que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra [...] (Candido, 2006, p. 14).

Tendo em visto o contexto de produção do poema, 6 de abril de 2020, bem como título *Quarentena*, pode-se inferir que o eu lírico encontra-se enclausurado em sua casa devido à proliferação de um vírus. Devido a uma rotina claustro e mecanizada, os dias parecem iguais em matéria de desalento e a única mudança aparente é o número de pessoas infectadas e mortas. Assim, o sujeito busca ater-se aos elementos presentes no espaço de sua casa para manter-se são calcando-se em sua identidade.

O poema, em suma, apresenta um processo de construção de memória que embora chegue a assustar o eu poético – em decorrência de todas as incertezas envolvida naquele tempo e da aparente falta de prospecto – não necessariamente é uma memória ruim, traumática; de modo que ele deseja, futuramente, lembrar-se do que passou com austeridade e distanciamento.

Nos versos: [...] *olho para longe, à distância de um mês, de um ano/ mas o meu olhar esbarra num muro opaco, os tijolos/ são perguntas, o cimento são perguntas, futuro?*, o eu poético se encontra em uma situação semelhante a vivenciada pelo eu lírico do *Poema do Beco*, de Manuel Bandeira, vejamos:

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?  
— O que eu vejo é o beco (Bandeira, 1993, p. 150).

Ambos os poemas utilizam a imagem do muro – no segundo poema mais especificamente o beco – que é composto por cimento e tijolos elementos que transmitem ideia de dureza e proporcionam uma paisagem que caleja a vista. Assim, o muro é uma representação de uma clausura promotora de sentimentos de desesperança e pessimismo quanto ao futuro: liberdade tolhida.

Entretanto, nos versos seguintes o eu lírico direciona seu olhar para dentro de sua casa, seu espaço de segurança e intimidade, em uma tentativa de ancorar em sua memória a mescla de sensações que perpassam sua subjetividade, procurando obter um distanciamento temporal dos acontecimentos que o prendem à casa e tendo consciência de que não durarão para sempre e haverão coisas boas que ele se lembrará também. Com esse distanciamento, a quarentena será – em seu futuro – “inofensiva”, como: [...] *uma lata de fruta que passou do prazo de validade, como uma/ velha que foi uma mulher muito bonita, como os olhos/ dessa velha ainda a brilharem no meio do seu rosto,/ soterrados por ele, como a inútil memória de janeiro/ no epicentro escaldante de uma tarde infinita de agosto*, e não como um momento-espaço de trauma.

Nos versos posteriores: *Então, apenas serei capaz de lembrar que este cão ainda/ estava vivo porque o refiro no poema, este cão concreto/ a ressonar num canto da sala e num canto do poema, as costelas a encherem-se e a esvaziarem-se de ar,/ este cão exausto a ladrar às vezes em sonhos agitados*. O eu lírico retoma o que já havia dito anteriormente

em: *Acredito que estou aqui, rodeado por mobiliário, volumes de poesia completa nas estantes, um cão/ velho a dormir profundamente, chá que se arrefeceu há muito tempo e se transformou apenas na calma/ flutuante do seu perfume, inspiro este momento com toda a força dos meus pulmões, aquilo que sinto/ é um mundo, estou no centro do seu interior, inspiro [...]*. Segundo Bachelard (1978), a diminuição de um contato do ser com o mundo exterior possibilita que o sujeito experiencie um aumento de intensidade dos valores de intimidade, assim nesses versos, percebe-se como o eu lírico está disposto a olhar para sua casa – e por conseguinte, em uma perspectiva bachelardiana – para dentro de si, de modo a elencar todos os elementos que o circundam, as imagens de intimidade.

Nas palavras de Bachelard:

O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses "objetos" e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, para nós, por nós, uma intimidade (Bachelard, 1978, p. 248).

Os valiosos volumes de poesia completa, intimamente abraçadas pelas estantes, ocupam lugar de destaque no cômodo e da vida do eu lírico, bem como o cão encolhido habitando o canto de sua sala em sono profundo, representando uma certa resignação em refugiar-se reverbera ao longo dos versos e o aroma de chá – antes quente – arrefecido transmutado em calma.

Desse modo, para Yi-Fu Tuan (1983) desde a infância os indivíduos sentem necessidade de se apropriarem de objetos afim de definir o seu valor como sujeitos, por isso os seres humanos possuem uma demanda de apoiar suas personalidades em coisas e espaços, de modo que “todos os seres humanos têm seus próprios pertences e talvez todos tenham necessidade de um lugar seu, quer seja uma cadeira no quarto ou um canto preferido em qualquer veículo” (Tuan, 1983, p. 136).

O filósofo Bachelard, ao estudar a topografia da casa em *A Poética do espaço*, menciona como os cantos de uma casa também podem ser espaço de apropriação subjetiva por parte de um ser.

Inicialmente, o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor de ser: a imobilidade. Ele é a certeza local, o local próximo da minha imobilidade. O canto é uma espécie de meia-caixa, metade paredes, metade portas [...]. A consciência do ser em paz no seu canto propaga, ousamos dizer, uma imobilidade. A imobilidade irradia-se. Um aposento imaginário se constrói em torno do nosso corpo que se acredita bem escondido quando nos refugiamos num canto (Bachelard, 1978, p. 287).

A figura do cachorro a dormir no canto da sala, representada também na capa do livro, é representação de imobilidade em si mesmo e no espaço circundante, assumindo um caráter semelhante ao de como se sente o eu lírico enclausurado em sua residência. Apesar dos sonhos por vezes agitados,

o animal ainda assim dorme, o que – traçando um paralelo – atribui um caráter mais onírico a situação vivenciada por seu dono, que permanece ciente de que apesar das incertezas, aquela não é sua realidade e resigna-se, austero.

O poema a seguir não possui título e é o primeiro da coletânea poética do capítulo *Galveias*. Nesse capítulo, os poemas são construídos por um eu lírico que rememora lugares, pessoas e sensações de sua infância.

Entro com a minha mãe no quintal da nossa casa.  
A terra está coberta por folhas de várias estações.  
Os pessegueiros perguntam por onde andamos,  
porque demorámos tanto. As plantas dos canteiros  
transbordaram, embarçaram-se numa espécie de  
desespero. A água do tanque de lavar a roupa é  
verde. O pombal não tem pombos. A coelheira  
não tem coelhos. A capoeira está habitada pela  
memória de galinhas submissas e galos no poleiro,  
desconfiados de qualquer movimento.  
[...]  
(Peixoto, 2020, p. 53).

Na companhia de sua mãe, o eu poético regressa à uma casa que antes fora sua – provavelmente em tempos de infância, pois através dos versos: *A terra está coberta por folhas de várias estações/ Os pessegueiros perguntam por onde andamos,/ porque demorámos tanto*, pode-se perceber a ação do tempo no espaço: um acúmulo de folhas – figuradas ou não – representa a passagem das estações do(s) ano(s) e, conseqüentemente, da vida. O modo como o eu lírico refere-se aos pessegueiros, personificando-os como possíveis sujeitos que sentem saudades, revela que aquele é um espaço o qual o eu poético cultivava afeto, logo, um lugar – que segundo Tuan (1983) é um espaço que “adquire definição e significado”.

Para Tuan (1983), os lugares íntimos podem ser pessoais – como é o caso da antiga casa do eu lírico do poema em questão – ou transitórios.

O lar é um lugar íntimo. Pensamos na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocadas não tanto pela totalidade do prédio, que somente pode ser visto, como pelos seus elementos e mobiliário, que podem ser tocados e cheirados: o sótão e adega, a lareira e a janela do terraço, os cantos escondidos, uma banqueta, um espelho dourado, uma concha lascada (Tuan, 1983, p. 160).

Desse modo, conforme adentra seu lar de outrora, o eu lírico delinea um espaço de intimidade à medida em que seus versos exprimem seu afeto – evocado por sua memória – pela antiga casa e seus elementos, como pode ser visto textualmente nos versos:



Os pessegueiros perguntam por onde andámos,  
porque demorámos tanto. As plantas dos canteiros  
transbordaram, embaraçaram-se numa espécie de  
desespero. A água do tanque de lavar a roupa é  
verde. O pombal não tem pombos. A coelheira  
não tem coelhos. A capoeira está habitada pela  
memória de galinhas submissas e galos no poleiro,  
desconfiados de qualquer movimento.  
(Peixoto, 2020, p. 53).

Ao personificar os pessegueiros, acentua-se o carácter de intimidade que o eu lírico possuiu com seu quintal, visto que a sua presença e de sua mãe era tão marcada a ponto de as árvores terem sentido saudade. A ausência do eu poético e de sua mãe culminaram no esverdeamento da água (lodo) e no embaraçar das plantas, que aparentam desespero ora pela possível saudade que sentiram do eu lírico, ora, também, pela falta de cuidados que antes eram recorrentes. Os animais, cuja presença constrói uma certa vitalidade no espaço, delineiam-se apenas por meio da memória que o eu lírico possui, visto que já não existem mais: são apenas memória. Desse modo, ao comparar o presente estado dos elementos constitutivos de seu quintal com como eram antes, pode-se perceber certa tristeza e saudosismo associado a tempos mais felizes e mágicos vividos em sua infância, agora substituídos pelo peso de uma realidade adulta mais dura.

Essa mesma dicotomia entre infância e vida adulta, elaborada pela rememoração do eu lírico, se faz presente no poema *No 25º andar do hotel Yanggakdo*, que fica no capítulo seguinte à *Galveias*, intitulado *Coreia do Norte*.

Eis o meu corpo aqui, quase sem motivo, e eu  
talvez dissolvido no cheiro dos lençóis, detergente  
ácido e pobre, ou talvez espalhado sobre estas alcatifas  
onde repousam anos polvilhados, décadas inteiras  
que morreram aqui, exatamente neste quarto.

O meu corpo deitado sobre esta colcha áspera, e eu  
recordando aquele cão que o meu pai perdeu no mato  
enquanto fingia caçar pombos. Foi há tanto tempo.  
O meu corpo e eu não tínhamos mais de doze anos.  
Recordo o olhar desse cão, a amizade com que me recebia  
quando chegava da escola. Recordo o seu nome,  
não o menciono porque ficaria mal no poema.

[...]

Era um domingo como hoje. O meu pai chegou  
de mãos vazias, nenhuma caça à cintura, e contou-nos  
que tinha perdido o cão. Procurou, chamou, assobiou  
e só recebeu resposta do silêncio.

O silêncio. Na cozinha da nossa casa, a minha mãe e eu  
partilhámos um luto sem palavras.

Depois, talvez tenha subido ao meu quarto e talvez  
me tenha deitado sobre a cama, sobre a colcha. Agora,  
esse seria um paralelismo de extrema conveniência,  
mas não consigo ter a certeza. Agora, mais concreta é a pena  
que senti desse cão perdido, indefeso perante a noite  
que pousava sobre o seu desespero ou sobre a sua ilusão.

Eis este tecto suspenso, corpo, e a presença desta cidade, eu,  
paisagem que poderia contemplar se me aproximasse da janela.  
Este tecto e esta cidade são uma boa metáfora do tempo  
Ou da morte, do tempo e da morte.

Passados três dias, sujo, magro, gasto, o cão regressou.  
Como se nunca tivesse duvidado do seu instinto,  
entrou pela porta do quintal, habituado às folhas caídas.  
A partir daí, fomos capazes de amá-lo muito mais.

Essa é a grande diferença. Se me deixassem aqui,  
perdido do meu corpo, nunca serei capaz de encontrar  
o caminho para casa (Peixoto, 2020, p. 63-64).

O hotel Yanggakdo é um grande edifício localizado em Pyongyang, capital da Coreia do Norte. Dessa forma, conforme indica o título e o dêitico “aqui” presente no primeiro verso do poema, o eu lírico se encontra em um quarto, provavelmente no vigésimo quinto andar, do hotel Yanggakdo. Além disso, pode-se perceber que o eu poético não possui exatamente um sentimento de topofilia para com o espaço que está, visto que o espaço, em conjunto a condição subjetiva em que o sujeito se encontra, lhe levam a fazer uma analogia pessimista ao final do poema.

Nos primeiros versos da segunda estrofe: *O meu corpo deitado sobre esta colcha áspera, e eu/ recordando aquele cão que o meu pai perdeu no mato/ enquanto fingia caçar pombos. Foi há tanto tempo.*, percebe-se como o espaço lhe é inóspito e o faz lembrar da triste situação que foi perder o cachorro quando criança (*O meu corpo e eu não tínhamos mais de doze anos [...]*). Desse modo, o poema é construído por meio de retalhos do passado e do presente do eu lírico, que traça um sutil paralelo entre os dois momentos ao longo de toda a poesia, sobretudo ao aproximar o domingo presente do domingo onde o fato ocorreu: *Era um domingo como hoje. O meu pai chegou/ de mãos vazias, nenhuma caça à cintura, e contou-nos/ que tinha perdido o cão.* O pai do eu lírico ao voltar de mãos vazias, além de não ter conseguido caça, figura também a ausência do cachorro: um outro vazio.

Na sexta estrofe: *Depois, talvez tenha subido ao meu quarto e talvez/ me tenha deitado sobre a cama, sobre a colcha. Agora,/ esse seria um paralelismo de extrema conveniência,/ mas não consigo ter a certeza [...]* percebe-se claramente o recurso memorialista no poema à medida em que o eu lírico utiliza a palavra “talvez”, responsável por marcar quão incerta é a memória. Além disso, nota-se como o elemento da colcha está em seu presente (primeiro verso da segunda estrofe) assim como em seu passado. A colcha,

provavelmente mais áspera sem a presença do cachorro – como uma metáfora para a solidão que o eu poético menino sentiu – funciona tanto como um “gatilho” (Borges Filho, 2020) de memória como um objeto de correlação entre pretérito e presente. Isso ocorre de tal maneira que o eu lírico afirma: [...] *Agora,/ esse seria um paralelismo de extrema conveniência,/ mas não consigo ter a certeza [...]*

O eu poético sente solidão na cidade e no quarto do hotel em que está, conforme a seguinte estrofe:

Eis este tecto suspenso, corpo, e a presença desta cidade, eu,  
paisagem que poderia contemplar se me aproximasse da janela.  
Este tecto e esta cidade são uma boa metáfora do tempo  
Ou da morte, do tempo e da morte (Peixoto, 2020, p. 63-64).

O eu lírico, ao discorrer sobre o teto do quarto e a cidade, a assemelha à uma metáfora do tempo e da morte: do tempo, pela capacidade que o espaço teve de lhe provocar uma imersão em suas memórias do passado, e da morte, pela solidão e tristeza que o eu lírico sente, semelhante ao que sentiu, juntamente com sua mãe, quando o cachorro se perdeu: [...] *Na cozinha da nossa casa, a minha mãe e eu/ partilhámos um luto sem palavras.* A solidão e a tristeza ao perder o cachorro foram tamanhas que se assemelharam a um luto, luto esse que se inscreve na sétima estrofe semanticamente através da palavra “morte”. Eis então, novamente, o ponto de entrelaçamento entre presente e passado.

O eu lírico faz uma alegoria ao desolamento que sente no presente enquanto está em um país que lhe é desconhecido ao narrar sobre o dia em que seu cachorro se perdeu e custosamente regressou a casa. Diferente do cão, porém, o eu lírico não se sente capaz de regressar a casa apesar de se sentir melancólico, solitário e saudoso por estar longe de um espaço que lhe seja íntimo e próprio, como sua residência e sua pátria. Esse fato, talvez, acentue mais ainda o quão forte é a topofilia e a ligação que o eu poético da obra de José Luís Peixoto possui para com os espaços de sua casa e seu país.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração as significações profundas que o espaço possui no texto literário, visto que não deve ser entendido como mero elemento estrutural, podemos dizer que – na poesia – o espaço funciona como âncora da memória do eu poético. Os poemas do poeta português contemporâneo José Luís Peixoto fornecem subsídios para uma leitura e interpretação crítica espacial, pois o autor constrói poemas repletos de paisagens, espaços da casa, viagens e lugares de outrora.

Assim, com base na investigação da obra *Regresso a casa* podemos perceber que o eu poético possui relações de afeto com os espaços à que regressa, o que configura em relações topofílicas com sua casa, país e sua própria subjetividade. Além disso, conforme percebido no último poema analisado, *No 25º*

*andar do hotel Yanggakdo*, o eu poético possui certa relação topofóbica com espaços que não lhe são íntimos e próprios, como é o caso do quarto de hotel em uma pátria que não é sua. Estrangeiro de si e do país em que está, permanece somente a memória e o desejo de regressar ao passado e a sua casa, o que acentua mais ainda o quão forte é a ligação que o eu poético da obra de José Luis Peixoto possui para com os seus espaços de afeto. Desse modo, temos um eu lírico que, por meio de sensibilidade e austeridade, faz dos espaços e da poesia o seu lugar.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. Crítica e Sociologia. In: CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BORGES FILHO, O. Espaço & poesia: fundamentos. In: PINHEIRO, A.; BORGES FILHO, O.; PANTOJA, S. (org.). *Espaço e poesia*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2020.
- JUNG, C. G. *Sobre sentimentos e a sombra*: Sessões de perguntas em Zurique. Editora Vozes Limitada, 2015.
- PEIXOTO, J. L. *Retorno a casa*. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

**Title**

The spaces of affection in *Regresso a casa*, by José Luis Peixoto.

**Abstract**

This paper aims to investigate the spaces and their relationship with the poetic self in the work *Regresso a casa*, by the contemporary Portuguese poet José Luís Peixoto. The poet José Luís Peixoto, born in Galveias, 1974, is one prominent author of contemporary Portuguese literature. His fictional and poetic work consists of dozens of anthologies, which are studied in several national and foreign universities. The main themes that permeate Peixoto is poetics are: family relationships, rurality, as well as the relationship between human subjectivity and history. With a strong autobiographical and allegorical character, the poet represents much of Portugal and its spaces. Space is, above all, human and should not be understood as a structural form, nor as a mere element where the narrative takes place, because the subjects attribute to it the most subjective meanings found in the depths of their being and, thus, it is impractical to think of space without relating it, somehow, to a subject. Thus, in this analysis, the toponymic relations of the lyric self that returns not only to his homeland and spaces of old, but also to himself, will be mapped. To provide the necessary theoretical support to carry out the analysis proposed here are used mainly the ideas of: Antonio Candido (2006), Gaston Bachelard (1978), Oziris Borges Filho (2020), Yi-fu Tuan (1983).

**Keywords**

*Regresso a casa*; José Luís Peixoto; Space; Topophilia.

---

Recebido em: 15/04/2023.

Aceito em: 31/10/2023.